

Análise dos *ethé* de Marielle Franco

Adriana Célia da Silva Bicalho¹
 Dilma Maria Campelo Rio Verde²
 Lucimara Moreira da Silva³
 Cláudio Humberto Lessa⁴

Resumo: Neste artigo, analisamos a construção do *ethos* prévio e discursivo de Marielle Franco, brasileira negra, atuante ativista pelos direitos humanos, que procurou mudar sua realidade e a de outras mulheres em situações análogas às vivenciadas por ela, mas teve seu sonho interrompido pela morte violenta da qual foi vítima. Para compreender as pretensões de validade desses discursos, utilizamos como instrumentais teórico-metodológicos as concepções de *ethos* da Análise do Discurso, predominantemente de vertente francesa, representadas por Maingueneau (2004), Charaudeau (2008, 2014), Amossy (2008, 2016) e Abreu-Aoki (2016) aplicadas em três textos do gênero entrevista, realizadas com Marielle. Procuramos detectar, na materialidade linguística, elementos que pudessem nos mostrar como se constituiria o processo de projeção de *ethé* na e pela enunciação da ex-vereadora em suas alocações nas entrevistas, a partir do exame de formas linguísticas que realizam os atos alocutivo (de endereçamento ao interlocutor); elocutivo (pelo qual o enunciador marca sua posição em relação ao que diz) e delocutivo (asserções e representação de discursos do outro no fio do dizer). O estudo serviu-nos para mostrar como ela mobilizou ações e fatos da vida para construir uma imagem que pudesse levá-la ao poder público e, com isso, dar visibilidade às demandas daqueles representados por ela.

Palavras-chave: Análise do discurso; *Ethos*; Esfera pública; Ativismo político; Discursos contra-hegemônicos.

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Mestre em Educação pelo Centro Universitário UNA. Membro dos grupos de estudo “Narrar-se” e “Mulheres na Edição”. E-mail: adrianabicalho03@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4439-1931>.

² Professora do Instituto Federal do Norte de Minas. Doutoranda em Análise do Discurso pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Pesquisadora acadêmica nos campos da Linguística, Análise do Discurso, da Literatura Brasileira e em Edição. Atualmente participa dos grupos de estudo credenciados pelo CNPq “Narrar-se” e “Mulheres na Edição”. E-mail: campelodilma@yahoo.com.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1701-6546>.

³ Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Integrante dos grupos de pesquisa “Narrar-se”, “DPRODEPT” e “NOSS”. E-mail: lucmoreira@yahoo.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2214-3304>.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Coordena o grupo de pesquisas “Estudos sobre Narrativas de Si a partir de Corpora e Suportes Diversos” (Narrar-se) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Desenvolve pesquisas sobre narrativas de si em diversos corpora e suportes. E-mail: claudiahlessa@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0005-2233>.

Introdução

No Brasil, a mulher enfrenta barreiras e preconceitos em diversas áreas, principalmente para a construção de uma carreira na política. Para a mulher não branca, a situação é mais complexa ainda, pois é duplamente discriminada, pelo gênero e pela raça⁵. Ela vive em luta por visibilidade, por erradicação da violência contra ela, por direitos iguais aos dos homens e por isonomia no mercado de trabalho. Enfim, seria uma lista enorme de situações para vencer a misoginia, que traçou uma história de subserviência e de silenciamento da mulher, desde a Antiguidade Clássica (século V a.C. ao século V d.C.) aos dias atuais.

Embora reconheçamos uma ascensão das discussões sobre gênero e o papel da mulher em diversos campos: sociopolítico, econômico e cultural, ela ainda é bastante reificada, tratada na sociedade como objeto de representações sociocomportamentais estereotipadas. Diante desse contexto, nosso objetivo neste estudo é analisar a construção do *ethos* prévio e discursivo de Marielle Franco, uma brasileira negra, moradora na favela, atuante ativista pelos direitos humanos, que tentou mudar sua realidade e a de tantas outras mulheres em situações análogas vivenciadas por ela, mas que teve seu sonho interrompido pela morte violenta da qual foi vítima.

Acreditamos que expor, no espaço da Academia, o protagonismo de Marielle no cenário brasileiro é uma forma de reconhecer seu legado e trazer sua trajetória à “visibilidade pública”. Como nos orienta Gomes (2008), a “visibilidade pública” favorece a criação de espaços voltados à “discussão pública”, já que esta é a seara, por excelência, que tem o potencial para produzir debates, reivindicações e argumentações passíveis de contribuir para a efetivação de leis, de normas e de condutas jurídicas. Espera-se que estas possam atender às demandas da sociedade civil e, assim, gerar mudanças na realidade sociopolítica, que sejam, por sua vez, capazes de reduzir as discriminações e as injustiças.

Contemporaneamente, como pontua Sousa Santos (2016), os diversos movimentos sociais têm lutado por alcançar visibilidade na esfera pública e para vocalizar suas

⁵ Sobre a especificidade da discriminação sofrida pela mulher negra ver as seguintes referências, entre outras: i) KILOMBA, G. *Memória da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019; ii) GUIMARÃES, M. *Os efeitos de narrativa de vida em escritas feministas*: uma perspectiva racial e de classe. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

argumentações, suas pretensões de validez, a fim de afirmar direitos e outros ideais societários. As produções discursivas da ex-vereadora Marielle Franco, nas diversas mídias tanto naquelas que podemos chamar de *mainstream* quanto nas digitais, constituem exemplo dessas argumentações que lutam pela afirmação de direitos, pela visibilidade de outros ideais de sociedade de que nos fala Sousa Santos (2016).

Os Estudos do Texto e do Discurso, nos últimos anos, têm se debruçado na análise desses discursos contra-hegemônicos que denunciam as desigualdades sociais. Nesse sentido, realizamos este estudo a fim de contribuir para uma maior compreensão das pretensões de validez desses discursos, por meio da análise das imagens que a ex-vereadora projetou em suas alocações. Para isso, utilizaremos como instrumentais teórico-metodológicos as concepções de *ethos* da Análise do Discurso, predominantemente de vertente francesa, representadas por Maingueneau (2004), Charaudeau (2008, 2014), Amossy (2008, 2016) e Abreu-Aoki (2016), para serem aplicadas em três textos do gênero entrevista, realizadas com Marielle, nas Revistas *Subjetiva*, *Brasil de Fato* e *Agência de Notícias das Favelas*.

É importante ressaltarmos que a obra teórica norteadora desse estudo será a de Amossy (2008), porque nos interessa aplicar nas análises não só os conceitos de *ethos* que esta autora nos apresenta, sob a perspectiva de vários autores, desde a Antiguidade Clássica à contemporaneidade, mas também sua percepção sobre esses conceitos e a forma como ela os inter-relaciona.

Nessa perspectiva, procuraremos detectar, na materialidade linguística das entrevistas, constitutivas do *corpus*, elementos que possam nos auxiliar a entender como ocorre o processo de projeção de *ethé*⁶ na e pela enunciação da ex-vereadora carioca em seus pronunciamentos durante as entrevistas. Nestes, serão analisadas as formas linguísticas que realizam os atos alocutivo (de endereçamento ao interlocutor); elocutivo (pelo qual o

⁶ Em alguns momentos do texto, usamos o termo *ethé*, plural da palavra grega *ethos*, a fim de fazermos referência a mais de uma imagem que pode ser associada a um determinado ator social ou a dois ou mais traços traços de caráter que podem concorrer para a construção de um determinado *ethos* (imagem de si). Charaudeau (2006), por exemplo, define dois tipos básicos de *ethé*, que podem ser projetados pelos sujeitos políticos: os *ethé* de identificação e os de credibilidade, como mostraremos no decorrer deste estudo. Maingueneau (2008) identifica, em um texto publicitário, um tipo de *ethos* híbrido, constituído por uma mistura de *ethé*; trata-se de um folheto que visou divulgar um festival proposto pela associação *Culture à la ferme*; nesse texto, o publicitário agenciou uma mescla de traços que correspondem tanto a um *ethos* de um profissional da produção cultural quanto a um *ethos* rural.

enunciador marca sua posição em relação ao que diz) e delocutivo (asserções e representação de discursos do outro no fio do dizer).

Visando ao caráter mais didático da exposição, dividimos o trabalho em três seções. Na primeira, tecemos algumas reflexões sobre a noção de esfera pública; em seguida, apresentamos alguns dados sobre a trajetória política de Marielle Franco, que nos auxiliam a entender traços de seus posicionamentos, das motivações de suas ações políticas, de suas reivindicações e dos imaginários de verdade política que são mobilizados pela ex-vereadora, bem como de suas projeções de imagens. Na segunda, fazemos a exposição teórica dos conceitos que gravitam em torno da noção de *ethos*, focalizando a categoria de *ethos* prévio. Na terceira, buscamos aplicar as noções na análise do *corpus*. E, por fim, fazemos nossas considerações finais.

Reflexões sobre a esfera pública e a luta pela visibilidade de posicionamentos contra-hegemônicos

As ações e os diversos posicionamentos político-ideológicos manifestos nos pronunciamentos de Marielle Franco, em diversas mídias e, como veremos, nas entrevistas que constituem nosso *corpus* de análise, apresentam índices discursivo-linguístico-retóricos que expressam o desejo de dar visibilidade, na esfera pública, à afirmação de direitos e a novos ideais societários que, comumente, não são tematizados, problematizados e veiculados sistematicamente pela mídia *mainstream*. Assim sendo, atores políticos que pautam seus discursos e suas ações em prol da diminuição das desigualdades sociais, determinadas por classe, por gênero, por raça/etnia, por direito à moradia e por terra, por exemplo, têm buscado apresentar suas argumentações, seus valores societários, suas crenças e seus ideais políticos em mídias alternativas, sobretudo, nas mídias sociais, por meio de diversas plataformas⁷.

O processo de midiaticização por que passa a sociedade, como reflete Braga (2006), tem influenciado as interações sociais, nos diversos domínios de prática social, tanto os fluxos e as rotinas comunicativas institucionais quanto os cotidianos. Isso determina novas formas

⁷ Para um aprofundamento sobre esse uso de mídias digitais e de redes por atores políticos, remetemos o leitor ao e-book: BRAIGHI, A. A.; LESSA, C. H.; CÂMARA, M. T. (org.). *Interfaces do midiativismo: do conceito à prática*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018.

simbólicas de vida em sociedade. Os discursos e as ações políticas, igualmente, têm sido afetados por esse processo que, entre outros fatores, contribuiu para a emergência de uma nova eloquência política, como define Courtine (2006), marcada pelo uso, cada vez mais intenso, das novas tecnologias digitais.

Almeida (2006), ao refletir sobre a relação entre as práticas ativistas e as novas tecnologias digitais, defende que as mídias sociais usadas a serviço do ativismo político podem ser consideradas um tipo de esfera pública alternativa. Contudo, os diversos grupos e atores políticos que lutam contra as desigualdades que caracterizam a sociedade contemporânea continuam enfrentando o desafio de fazer com que seus argumentos e seus valores sociais possam ser temas de uma ampla discussão na esfera pública e alcancem visibilidade.

Esse limite da esfera pública como *locus* que permitiria aos atores sociais apresentarem suas argumentações, suas críticas e ideias em condições de igualdade foi teorizado por Jürgen Habermas ao longo de suas obras, como pontuam diversos estudiosos, tais como Dahlberg (2001), Gomes (2008) e Lubenow (2012), para citar somente alguns.

Gomes (2008) explica que Habermas, em sua obra clássica *Mudança estrutural da esfera pública*, define este conceito, a partir de uma reflexão voltada a entender o contexto de sua formação no Iluminismo. No período do Iluminismo, a burguesia, então emergente, passou a constituir grupos, nos quais cidadãos privados se engajavam em discussões no domínio público, a fim de avaliar e criticar o poder estatal. Com isso, visava-se à busca pela autonomia de posicionamentos contra o domínio de um Estado autoritário.

Posteriormente, em sua obra *Direito e Democracia*, pontua Gomes (2008), Habermas pensou um modelo republicano de democracia fundamentado na participação efetiva da sociedade civil nos negócios públicos, a partir da cooperação e da livre discussão entre cidadãos. Por esse processo deliberativo, os diversos posicionamentos e interesses dos indivíduos e dos grupos poderiam ser expressados na forma de enunciados oriundos de trocas argumentativas, que visariam alcançar um consenso, ainda que provisório e parcial, em torno das questões debatidas.

Esse modelo proposto pelo sociólogo Jürgen Habermas remonta a uma definição clássica de argumentação, pensada como racionalidade demonstrativa, fundamentada em uma troca dialética, na qual o debate seria aberto. Neste, os cidadãos seriam valorizados, como

destaca Gomes (2008), por sua capacidade argumentativa e pelos argumentos apresentados. Assim, não seriam admitidas influências relacionadas a poderes de natureza financeira, estatal ou religiosa. Além disso, tanto o objeto em questão quanto os argumentos e as razões apresentadas deveriam ter visibilidade, disponibilidade e acessibilidade.

Nesse mesmo sentido, segundo Dahlberg (2001), os debatedores deveriam exercitar a autonomia, bem como a abertura a críticas, a contra-argumentos, à reflexividade, à sinceridade, à inclusão discursiva e à igualdade. Contudo, como mostram os autores supracitados, Habermas, ao longo de suas produções teóricas, manteve-se cético quanto à efetivação de uma esfera pública autêntica, estruturada em torno da argumentatividade racional, nas sociedades contemporâneas, dominadas pela atuação dos *mass media*. O filósofo argumentou que a esfera pública teria se degenerado, convertido-se em uma esfera pública midiática e não seria, portanto, capaz de fomentar a produção de decisões que resultam da apresentação e da escolha dos melhores argumentos.

Assim sendo, decisões e opiniões não seriam produzidas publicamente, mas difundidas publicamente, a fim de se obter o assentimento dos cidadãos. Nessa ótica, a visibilidade transformou-se em exibição, em uma representação pública de posições geradas de forma não pública. Gomes (2008) explica que se trata de considerar uma esfera pública encenada, espetacularizada. Este autor alude, ainda, a decisões produzidas nos bastidores do poder, que são, então, veiculadas pelas mídias.

Segundo Gomes (2008), domina a máquina midiática uma lógica por meio da qual os atores sociais gerem as diversas mídias, a fim de construir imagens de si e de produzir uma opinião pública que seja predominante, a partir de discursos de persuasão e de sedução. Apesar desse limite, o supracitado autor aponta possibilidades de que meios de comunicação de massa possam ser usados para estabelecer processos deliberativos, marcados tanto pela discutibilidade quanto pela visibilidade e, assim, contribuir para o processo democrático. Esse autor parte da premissa de que, contemporaneamente, a esfera pública é de natureza midiática, pois ela se constitui e se estrutura nos e pelos *mass media*, apresenta-se, desse modo, como “[...] *midium* de sociabilidade e visibilidade, por excelência, permite avanços na compreensão da cena política contemporânea” (GOMES, 2008, p. 130).

O supracitado autor ressalta que Habermas considerava a esfera pública não somente propiciadora de visibilidade social, mas de posições que visariam ao convencimento

resultante de disputas argumentativas, a fim de levar à formação da opinião pública e fomentar “[...] a produção de decisões relativas ao bem comum.” (GOMES, 2008, p. 131). Assim sendo, este estudioso defende que a esfera pública conservou sua capacidade de formar opinião, mesmo que tenha se tornado midiática. Contudo, Gomes (2008) alerta que não seria possível transferir traços da esfera pública como instância de discussão autêntica, produtora de deliberação, fundada em argumentação racional, como teorizou Habermas. Para este teórico, a esfera de visibilidade pública sempre é passível de ser editada e controlada pelas rotinas e pelas estratégias linguístico-discursivo-retóricas que organizam a produção da instância midiática, regida por uma lógica comercial, que precisa, assim, lançar mão de estratégias de captação.

Apesar de levar em consideração essa ressalva, Gomes (2008) defende que a instância midiática pode trazer, para seu interior, debates travados em esferas de discussão que são, então, transformados em temas passíveis de serem debatidos em público, o que pode contribuir para a formação de opinião. Essa capacidade, temida pelos políticos, pode ser considerada como a mais importante em uma democracia, como, por exemplo, o protagonismo do jornalismo investigativo, citado pelo autor. Contudo, mais uma vez, Gomes (2008) destaca que é preciso levar em consideração a presença da retórica da sedução nessa esfera. As discussões na cena de visibilidade pública são, assim, dominadas por essa retórica que encena uma argumentação para o público, a fim de capturar sua atenção e sua boa vontade para as posições que cada mídia deseja defender.

A capacidade de a instância midiática alimentar-se de debates iniciados em instâncias de discussão, que se constituem a partir de processos de argumentação, destaca Gomes (2008), contribui para desconstruir a ideia de que a esfera política estaria à mercê da esfera de comunicação de massa.

Essas reflexões nos levam a considerar os pronunciamentos e os posicionamentos de Marielle Franco, nas entrevistas, como um exemplo desse potencial da instância midiática de contribuir para a visibilidade de debates, de ideias e de argumentos que emergiram em instâncias de discussão pública⁸. Tal iniciativa de ter escolhido uma política que sustenta ações e discursos de afirmação de direitos e contra as desigualdades sociais pode, assim,

⁸ Sobre esse potencial da instância midiática contribuir para a geração e a visibilidade de debates ver: MAIA, R. C. M. (org.). *Mídia e deliberação*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

influenciar, de alguma maneira, o debate público em torno dessas questões e formar opinião favorável a tais pontos de vista; digamos, contra-hegemônicos. Contudo, ainda assim, é preciso levar em consideração alguns critérios qualificadores do grau de visibilidade da discussão: i) examinar a extensão do público para o qual os argumentos são visíveis; ii) o quanto dos estratos mais sutis, complexos de uma deliberação, tornam-se visíveis. Acreditamos que tais critérios elencados por Gomes (2008), como ele afirma, permitem-nos pensar as condições de um possível *acesso cognitivo público* (termo do autor) em relação aos debates, às argumentações sobre as questões políticas, sociais, ambientais, de gênero, entre outras, que nem sempre são pautadas pelas mídias *mainstream*. Como pretendemos mostrar, são algumas dessas questões que emergem durante as entrevistas concedidas por Marielle Franco aos sites *Revista Subjetiva*, *Brasil de Fato* e *Agência de Notícias das Favelas*, a partir das quais nos é possível propor alguns interpretativos quanto à projeção de imagens por essa enunciadora.

***Ethos*: conceito que surge na Retórica de Aristóteles e se mantém norteando várias pesquisas nos estudos da Análise do Discurso de vertente francesa.**

Aristóteles (1998) concebe *ethos* como recurso extra discursivo na “Arte Retórica”. Um dos pontos fundamentais na arte da persuasão seria a qualidade das provas utilizadas pelo orador. Entre elas, o autor ressalta as independentes, que não se relacionam ao orador e as dependentes, relacionadas ao orador. Este pode conduzir sua oratória por meio de *logos*, *pathos* e *ethos*. Sinteticamente, *logos* refere-se ao discurso propriamente dito, *pathos* à reação emocional despertada no interlocutor, *ethos* envolve a construção da imagem do orador. Esta, segundo Aristóteles (1998), constituiria a prova mais eficaz:

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como

aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão. (ARISTÓTELES, 1998, p. 49).

Nas visões teóricas contemporâneas que retomam os conceitos aristotélicos como fundação, reitera-se a ideia de que um dos pontos fundamentais na arte da persuasão é a qualidade das provas utilizadas pelo orador, conforme propôs Aristóteles (1998), já explicitadas, as independentes (não relacionadas ao orador) e as dependentes (relacionadas ao orador), quais sejam: *ethos*, *pathos* e *logos*. Neste estudo, interessa-nos a abordagem sobre *ethos*, tendo em vista que nosso objetivo é a construção da imagem de Marielle por meio de seus discursos. Na perspectiva aristotélica, o “*ethos* é a construção de uma imagem de si, destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório” (AMOSSY, 2016, p. 10). Nas teorias contemporâneas, a partir dos estudos de Aristóteles, “o *ethos* foi definido como a imagem do orador construída no interior dos enunciados e apreendida simultaneamente pelo auditório.” Assim, o conceito de *ethos* está ancorado no uso da língua/linguagem, pois é um recurso discursivo na “Arte Retórica”. (AMOSSY, 2016, p. 10).

Acrescenta-se que o orador precisa apresentar três qualidades fundamentais como imagem positiva de si: a prudência, a virtude e a benevolência. Primeiramente, a prudência (*phrónesis*), que se refere à capacidade de bem deliberar, de calcular os meios necessários para atingir uma meta, de saber determinar o que é bom e conveniente para si, sob uma visão que vá ao encontro de um bem-estar geral, pois trata-se da sabedoria prática. Segundo, a virtude (*areté*), que é definida como uma disposição de caráter, que se relaciona com a escolha mediana. Existe a distinção entre a virtude natural (que é inata, fruto do bom nascimento e da boa educação) e a virtude de fato, aquela que é adquirida pelo hábito e o bem agir. Por último, a benevolência (*eunóia*), que remete à habilidade do orador para demonstrar solidariedade e benevolência para com o auditório. Esta última dimensão aponta para a tridimensionalidade do *pathos*, que implica: i) a mobilização de recursos linguístico-retóricos (que visam despertar as emoções do auditório); ii) a expressão adequada do tema a ser tratado (que faz parte da projeção do *ethos* do orador) e iii) a consideração do *ethos* do auditório.

A prova pelo *ethos* diz respeito a causar boa impressão, consoante se constrói o discurso, ao projetar uma imagem de si, capaz de ganhar a confiança do auditório. Ao ganhar sua confiança, o orador se torna uma fonte do saber proposto, conforme lhe são atribuídas

certas características. Trata-se, portanto, de quando, por meio do discurso, é possível atribuir ao orador o status de credibilidade de seu caráter, utilizado para persuadir. Diferentemente dos casos em que o orador não inspira confiança e seu enunciado é posto em dúvida. Assim, pode-se afirmar que o *ethos* não trata do real caráter do orador, mas da imagem que ele cria de si mesmo por meio do discurso proferido. Por esse motivo, é ligado à própria enunciação, e não a um saber extradiscursivo (AMOSSY, 2016, p. 10). Nesse sentido, Roland Barthes (antiga retórica) define o *ethos* como os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão. O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: “sou isto, não sou aquilo.” (BARTHES, 1970, p. 315 *apud* AMOSSY, 2016, p. 10).

Para a Linguística da Enunciação, a inscrição do locutor no discurso está fortemente ligada à enunciação colocada no centro da análise linguística pelos trabalhos de Benveniste (2005). A autora Catherine Kerbrat-Orecchioni, por exemplo, fiel ao projeto de Benveniste, examinou os “procedimentos linguísticos” pelos quais o locutor imprime sua marca no enunciado e se inscreve na mensagem (implícita ou explicitamente) e se situa em relação a ele (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 32 *apud* AMOSSY, 2016, p. 11). Esta pesquisadora sugere incorporar a imagem que o outro faz deles. A autora vê nesse processo a marca das competências não linguísticas (ditas “culturais”) dos interlocutores, compreendidas nos dados situacionais que compõem o universo do discurso (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 20 *apud* AMOSSY, 2016, p. 11).

Inscrevendo-se, igualmente, na linha dos estudos da enunciação, Maingueneau (2004) ressalta a importância do *tom* presente no texto/discurso, pois neste existirá uma vocalidade específica, que permitirá relacioná-lo a uma fonte enunciativa. O autor ressalta que a vocalidade implica uma determinação do corpo do enunciador. Assim, a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de um *fiador*. Esta figura, cabe ao leitor construí-la, com base em indícios textuais, sendo investido de um caráter e de uma corporalidade. Assim sendo, a qualidade do *ethos* remete à figura do *fiador* que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado.

Amossy (2016) retoma essas proposições de Maingueneau, para o qual

o *ethos* deve ser percebido, mas não deve ser o objeto do discurso, pois não se trata de afirmações que o autor pode fazer a respeito de sua pessoa no conteúdo do seu discurso [...], mas da aparência que lhe conferem a cadência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos. (MAINGUENEAU, 2008 *apud* AMOSSY, 2016, p. 14).

Acrescenta-se a tal afirmação que o *ethos* é distinto dos atributos reais do locutor, apesar de ser a fonte de enunciação. É do exterior e pela audiência que o *ethos* é caracterizado.

Maingueneau (2020) apresenta-nos o conceito de *ethos* a partir de duas perspectivas: o *ethos* mostrado, que é uma dimensão constitutiva da língua e o *ethos* dito, que não é obrigatório. Assim, o autor estabelece uma distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo (ou prévio) e concebe que “o *ethos* efetivo de um enunciador resulta, portanto, da interação entre seu *ethos* pré-discursivo, seu *ethos* discursivo (*ethos* mostrado) e os fragmentos do texto no qual ele evoca sua própria personalidade (*ethos* dito).” (MAINGUENEAU, 2020, p. 12).

Para Charaudeau (2008 *apud* ABREU-AOKI, 2016, p. 149), a interação do *ethos* pré-construído e do *ethos* construído está inserida no discurso e se volta para a questão da identidade do sujeito. Consequentemente, a identidade do sujeito se desdobra em dois componentes: um primeiro componente, no qual o sujeito se apresenta com sua *identidade social*, atribuindo-lhe a palavra, legitimando o interlocutor, de acordo com seu estatuto e papel que lhes são reconhecidos pela situação de comunicação. E um segundo componente, no qual o sujeito cria, para si mesmo, uma *identidade discursiva* presa ao ato de comunicação, atribuindo-lhe papéis e estratégias que deverão ser seguidos nessa situação de comunicação.

Como veremos, nas situações de entrevista, no jogo interlocutivo entre o entrevistador e a política, é possível observarem-se marcas linguístico-discursivo-retóricas que nos permitem perceber como imagens de Marielle Franco são construídas a partir de referências ao seu *ethos* prévio. Além disso, é importante ressaltar que, nas respostas da política, podemos inferir a construção dos *ethé* de credibilidade e de identificação, por meio dos quais a enunciativa busca afirmar traços de sua identidade político-discursiva.

Na sequência, passemos, então, conforme proposto, à análise das entrevistas concedidas por Marielle Franco aos sites *Revista Subjetiva*, *Brasil de Fato* e *Agência de Notícias das Favelas*. Vejamos como, na e pela enunciação, é possível observarmos como

referências ao *ethos* prévio da ex-vereadora contribuem para a projeção de seus posicionamentos político-ideológicos na esfera de visibilidade pública.

A construção dos *ethé* em Marielle

Para Amossy (2008, p. 9), é no ato discursivo que se constrói uma imagem de si. O enunciador não precisa se apresentar ou fazer um autorretrato de si, de forma explícita. Podemos construir uma representação da pessoa por meio do seu estilo e competências linguísticas e suas crenças implícitas.

Nessa proposição, para análise dos *ethé* de Marielle, utilizaremos como norteadores a teoria delineada sobre *ethos*, o gênero textual entrevista, cujo modo de organização é de base enunciativa. Segundo Charaudeau (2014), esse modo atravessa os demais, pois é a categoria do discurso que nos permite avaliar a maneira com que o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação. Nesse modo, o foco é voltado para os protagonistas, os seres de fala, internos à linguagem, os quais exprimem e formulam um ponto de vista enunciativo. É muito comum que o modo enunciativo seja confundido com a modalização, que é uma categoria de língua, um conjunto de procedimentos estritamente linguísticos que explicitam o ponto de vista do locutor e permitem constituir o discurso. Diferentemente, o modo enunciativo consiste, segundo o autor, em organizar as categorias de língua, ordenando-as, de modo a posicionar o sujeito enunciador em relação a seu interlocutor, ao que ele mesmo diz e ao que o outro diz.

Diante disso, procuraremos focalizar características do modo de organização enunciativo, o qual estrutura as alocações de Marielle Franco em relação às três situações de comunicação, (i) como estabelece a relação de influência entre locutor e interlocutor; (ii) como marca a posição do locutor em relação ao seu dito; (iii) como estabelece também a relação do locutor com o discurso de um terceiro. Assim, elegemos algumas categorias da língua/linguagem as quais nos permitam traçar o *ethos* de Marielle, como os atos de fala: alocutivo, elocutivo e delocutivo e sua ação modalizadora no discurso.

No ato alocutivo, o locutor enuncia sua posição em relação ao interlocutor. Apresenta como marca-traços os pronomes pessoais (tu, você, senhor,) e se estrutura por meio de frases

interrogativas ou imperativas. É comum ainda a simulação de diálogo direto entre os sujeitos em que o locutor emprega categorias da língua, obrigando o interlocutor a tomar posição.

No ato elocutivo, o locutor posiciona seu dito em relação a si mesmo, revela a sua posição, a sua avaliação e suas emoções. Nesse ato, o interlocutor não é implicado. Há marcas do locutor sob a forma de pronome pessoal: *eu* e *nós*.

No ato delocutivo, o locutor não assume a responsabilidade do seu dito. É como se ele existisse por si só. Há um distanciamento desse sujeito em relação ao seu discurso. Esse ato é marcado pela impessoalidade. O locutor se posiciona como testemunho de uma realidade que está acima de sua verdade e põe em evidência o efeito de objetividade do texto, uma vez que o dito não pertence àquele que enuncia. A asserção e as diversas formas do discurso relatado (direto, indireto, narrativizado) são categorias que realizam esse ato.

Assim, selecionamos somente alguns exemplos que possam fundamentar nossas análises sobre o *ethos* prévio e o *ethos* discursivo de Marielle. Na primeira entrevista⁹ analisada, a presença marcante do ato de fala elocutivo (com a forte presença dos traços “eu” e “nós”) nas respostas de Marielle contribui para a construção de seus *ethé*. Em resposta, por exemplo, a esta pergunta do entrevistador: “*Como mulher negra que nasceu na favela da Maré, não deve ter sido fácil ocupar esta cadeira e, infelizmente, mulheres ainda são exceção nesse espaço político. Então, queríamos que nos contasse quem é você, de onde veio e como chegou a este cargo*”, Marielle, por meio do *ethos* dito, põe em evidência sua origem e sua constituição humilde, como mulher e como moradora em uma favela, no trecho: “**Sou** uma mulher negra, mas antes disso tenho falado muito que antes de reivindicar e compreender o que era ser uma mulher negra no mundo, **eu** já era favelada.” (grifo nosso).

Ainda nesta entrevista, suas respostas mostram sua trajetória de liderança, no trecho:

Até a adolescência, **eu** era jovem favelada, com mais ou menos 16 anos, **estou** me entendendo no mundo num tempo e no momento em que tenho uma atuação maior na pastoral da juventude, tenho uma formação cristã e **sou** católica, então esse lugar das contradições. **Fui** catequista e isso vai me compondo também quanto formação, e é importante falar disso porque é

⁹ FRANCO, M. Entrevistamos Marielle Franco: mulher, negra, periférica e Vereadora do RJ — Mulheres na Política #1. Entrevista cedida à Revista Subjetiva. *Revista Subjetiva*, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/entrevistamos-marielle-franco-mulher-negra-perif%C3%A9rica-e-vereadora-do-rj-mulheres-na-pol%C3%ADtica-7839b7fbfe06>. Acesso em: 31 mar. 2021.

uma parte que está presente em meu lugar. (FRANCO, 2017, n. p., grifo nosso).

Nessa mesma entrevista, diante da pergunta: *“Agora como vereadora, tem uma rotina, convive com outros vereadores, contrários e a favor e que são majoritariamente homens brancos. Gostaríamos de saber qual o papel fundamental do protagonismo da mulher negra dentro desta Casa, com pessoas que têm ideias contrárias, a favor e as que ficam no centro.”*, Marielle incorpora em seu discurso a presença do outro, denominando-o por “nós”. Uma estratégia inteligente de captação do Outro para seu domínio de crença, conforme mostra o excerto, mas também revela uma consciência humanitarista sobre esse Outro, como mostra o trecho:

Nós, mulheres negras, somos uma minoria em termos de representatividade, **somos** sub-representadas, e isso é muito ruim porque **nós** mulheres a maioria da população, então é uma contradição que pegamos o tempo todo para ver como alterar, avançar nessa relação e nesse processo. (FRANCO, 2017, n. p., grifo nosso).

Neste excerto, a enunciadora busca fazer-se porta-voz de todas as mulheres, ao operar um deslizamento enunciativo do “eu” para o “nós”. Neste ponto, ela ressalta a falta de representatividade e de visibilidade da mulher na esfera pública, como vimos na primeira seção deste artigo. Ela utiliza um adjetivo axiológico que carrega sentido negativo “sub-representadas”, o que deixa a entender que a enunciadora denuncia as hierarquias e desigualdades sociais baseadas no gênero e seus efeitos nas esferas de discussão e de visibilidade públicas.

Ainda na primeira entrevista, em resposta à pergunta: *“Na sua campanha sempre se falou sobre representatividade e como isso pode ser feito de maneira material, na prática, então gostaríamos de saber como é sua relação com seu gabinete, quem está ocupando esses espaços, se realmente essa representatividade está presente aqui e qual a rotina de uma vereadora.”*, em ato de fala marcadamente elocutivo, Marielle manifesta sua preocupação com o coletivo, conforme expõe o trecho:

Entramos nesse campo nesse lugar e nesse debate com o fundamento do gênero, da favela e da negritude. Então isso me compõe e isso está hoje colocado no gabinete. Seja na pauta da política, seja simbolicamente. Então **temos** uma maioria de mulheres, nós somos 20 e tantas mulheres, a gente tem mais da metade disso de negritude, a gente tem gente da favela e isso é para mim o lugar da representatividade. **Não sou só eu**, o lugar da vivência de mulheres mães, por exemplo, está aqui dentro, e pais que cuidam das suas filhas ou de seus filhos. (FRANCO, 2017, n. p., grifo nosso).

Ainda nesta entrevista, agora, por meio de atos de fala delocutivos, na modalidade da asserção, é possível observar como a enunciatória busca projetar imagens de si relacionadas ao seu autodomínio, ao seu capital cultural, à sua sabedoria, expressos por meio da referência a verdades construídas na ciência ou na *doxa*¹⁰, como se pode ver em:

Então, não é uma representatividade hetéria que vai estar lá no alto, pairando sobre ‘é importante agora no século XXI que as mulheres possam usar o seu batom roxo com cabelo rosa’, que talvez fosse impensável há décadas atrás. Passa pelo simbólico, que elas possam usar tudo isso, mas passa também por objetividade, passa por uma maioria numa coordenação que tem mulheres, passa por maioria as advogadas fundamentalmente da equipe, quem me acompanha no plenário são duas mulheres, e uma delas uma mulher negra, passa por essa disputa que a gente quer fazer simbólica e objetiva. (FRANCO, 2017, n. p.).

Na segunda entrevista¹¹, por meio também do ato de fala delocutivo, modalidade de asserção, Marielle situa seu papel social como mulher negra e de luta em prol dos direitos para si e para outrem, em sua resposta à seguinte pergunta do entrevistador: “*Por que ainda é importante discutir o feminismo hoje?*”, ao afirmar: “Para garantir que as mulheres não estejam em posições secundárias. Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo.”

¹⁰ A *doxa* refere-se aos saberes, às opiniões comuns que são consideradas válidas na sociedade, para uma maioria, para um determinado grupo ou especialistas. Segundo Aristóteles (1998), a argumentação e a retórica são saberes de natureza prática, usadas em situações nas quais não reina acordo absoluto em torno das questões; diferentemente da *episteme*, ciência.

¹¹ FRANCO, M. “Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo”, diz Marielle Franco. Entrevista cedida a Mariana Pitasse. *Brasil de Fato*, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/03/09/ser-mulher-negra-e-resistir-e-sobreviver-o-tempo-todo-diz-marielle-franco>. Acesso em: 31 mar. 2021.

Na terceira entrevista¹², também por meio de atos delocutivos, ao ser questionada pelo entrevistador sobre creches, na pergunta: “*Em entrevista anterior para A Voz da Favela (que resultou na matéria ‘Quem são os candidatos a vereador da favela?’*, você afirmou que uma de suas prioridades como vereadora seria o aumento de vagas nas creches. De que maneira pretende atuar nessa questão?”), Marielle busca projetar imagens de si ligadas a uma mulher política que detém muita competência em gestão da política pública, e, ao mesmo tempo, conserva simplicidade, ao dizer:

O debate de vagas nas creches atende ao processo de autonomia familiar, à garantia de educação das crianças, ao fortalecimento e à qualidade de vida da juventude. É mais amplo do que ter vaga, de uma relação com a assistência ou com a alimentação das crianças. É claro que tudo isso é importante, mas tem, por exemplo, uma relação com a educação integral, que faz toda a diferença para a criança. A criança que fica na creche em tempo integral se desenvolve mais, tem mais autonomia. (FRANCO, 2016, n. p.).

Ainda, quando questionada pelo entrevistador sobre sua candidatura, na pergunta: “*A que você atribui o fato de ser a única candidata de favela eleita no Rio?*”, Marielle revela muita consciência sobre a responsabilidade de seu papel como interventora nela, conforme revela o excerto: “*Existe uma prioridade das políticas da favela, mas essa vocação é mais ampla, porque os diálogos precisam ser mais amplos.*”

Desse modo, por meio dessa amostragem, podemos constatar a importância da observação da materialidade linguística para a composição do *Ethos* Prévio e do *Ethos* Discursivo de Marielle, conforme apontam as teorias. É importante ressaltar que, nas três entrevistas, evidenciaram-se os atos elocutivo e delocutivo, o que favorece para a construção da imagem dessa personalidade pública no cenário político do país. Nessa proposição, faremos, portanto, a seguir, a exposição do *ethos* de Marielle, considerando os *ethé* de *credibilidade* e de *identificação*, segundo as reflexões de Charaudeau (2008) sobre o *ethos* no discurso político.

Na caracterização dos ***ethé* de credibilidade**, Charaudeau (2008) considera que a credibilidade não está relacionada à identidade social do sujeito; mas, sim, resulta da

¹² FRANCO, M. Entrevista: Marielle Franco. Entrevista cedida a Julianne Gouveia. *Agência de Notícias das Favelas*, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://www.anf.org.br/entrevista-marielle-franco/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

construção de uma identidade discursiva do sujeito enunciativo, que seja capaz de convencer as pessoas sobre aquilo que professa. Para alcançar essa credibilidade, ele deve construir uma imagem que, na prática, consolide o que propõe na teoria. Assim, a caráter de exemplo, destacamos alguns tipos de *ethos* presentes na caracterização dos *ethé* de credibilidade de Marielle. O ***ethos* de competência**, como a **herança** de muito trabalho e estudo, de funções exercidas e experiências adquiridas por ela. O ***ethos* de liderança**, como líder na catequese e na pastoral da juventude. Mulher corajosa e perspicaz, que assume a maternidade e a paternidade aos 18 anos. Na faculdade, exerceu o seu papel de ativista. Na favela, liderou movimentos negros e de mulheres. O ***ethos* do autodomínio**, como aquela que tinha o controle sobre si mesma. Dominava suas emoções, mesmo sob fortes pressões, que sofreu antes de sua morte. Disposição para lutar: herança de quem nasce na favela.

Quanto aos ***ethé* de identificação**, segundo Charaudeau (2008 *apud* ABREU-AOKI, 2016, p. 170), eles ocorrem por meio do afeto social, da emoção, do sensorial. Assim, podemos observar que Marielle expressa o ***ethos* de predestinação**, como um ser lutador(a), por ser mulher, negra, nascer numa favela e ser bissexual: características que, por si só, legitimam a construção de Marielle como um ser que precisa lutar por direitos de cidadania. O ***ethos* de humanidade e benevolência**, por ser dotada de sentimentos e humanitarista. O ***ethos* de abnegação e devoção**: “Mãe solo”, expressão com a qual autodenomina, pois assumiu a maternidade sozinha, aos 18 anos. Passa a imagem de uma mulher, na função política, devotada à construção de direitos para as pessoas marginalizadas e a reformas sociopolíticas. Além disso, mostra-se uma mulher solidária, filantropa, intelectual e bondosa. O ***ethos* de carismática**, por ser uma líder, que é admirada e aclamada pelas massas populares, capaz de suscitar paixão em sua comunidade e vários lugares a que chegavam seus discursos. O ***ethos* de honestidade**, por ser uma mulher íntegra na política. O ***ethos* de simplicidade**, por ser uma mulher do povo, pois, mesmo após assumir cargo público de destaque, manteve vínculo com as pessoas da favela onde vivia. Realizava reuniões em espaços simples e com pessoas humildes da Maré. E, por último, o ***ethos* de redentora**, por ser responsável por projetos de grandes mudanças sociais, como expresso por ela mesma ao

afirmar: “Por mais que seja favelada, meu mandato é para além da favela. A minha vida está em risco quando a vida do outro favelado também está.”¹³.

Considerações finais

A partir da abordagem realizada sobre o *ethos*, desde Aristóteles à Análise do Discurso, observamos que o primeiro, de acordo com a retórica clássica, designava o termo *ethos* como a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório; diferentemente da visão da Análise do Discurso, que considera o *ethos* como presente em todas as manifestações do discurso, pois o *ethos* se constitui em uma dimensão enunciativa, que faz parte da identidade de um posicionamento discursivo.

Assim, observamos que o ser humano age com determinada postura diante de cada situação que vivencia e o *ethos* se constitui, portanto, na apresentação de si, efetuada pelo locutor, em seu discurso. Quando falamos em apresentação de si, não estamos dizendo que o locutor enumere suas qualidades, nem que fale explicitamente de si; mas, sim, que ele represente seu estilo, suas crenças, suas competências linguísticas e enciclopédicas na relação que estabelece com seu dizer.

Em seus estudos sobre a “esfera pública”, Gomes (2008) evidencia a importância da “esfera pública” como campo de publicidade e discussão das demandas sociais, que tem como ideal a consolidação dos processos democráticos. Apesar da descrença do autor no potencial crítico dessa esfera (LUBENOW, 2012; GOMES, 2008), acreditamos que seu debate acrescentou fatores importantes para o processo democrático, a exemplo da “invisibilidade” como mantenedora das relações de poder. Portanto, é a partir da “visibilidade pública”, que podemos propor espaços para a “discussão pública” (GOMES, 2008), reavivando a chama da democracia.

Essa premissa embasa a importância de trazermos ao debate público a história de uma mulher, negra, bissexual, mãe, assassinada no exercício da legislatura em causa das minorias sociais as quais ela representava no cenário político. Mais do que marcadores sociais, Marielle

¹³ FRANCO, M. Entrevista: Marielle Franco. Entrevista cedida a Julianne Gouveia. *Agência de Notícias das Favelas*, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://www.anf.org.br/entrevista-marielle-franco/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

simbolizava a representatividade de uma parcela da população que, por vezes, é invisibilizada por não estar presente no cenário político.

O estudo do *ethos* de Marielle demonstra seu posicionamento face ao público, e passa a ser uma oportunidade para percebermos como ela mobilizou características, ações e fatos da vida para construir uma imagem que pudesse levá-la ao poder público e, com isso, dar visibilidade às demandas daqueles representados por ela.

Referências

ABREU-AOKI, R. *Getúlio Vargas encadernado: a construção narrativo-argumentativa da imagem do estadista em Getúlio Vargas, meu Pai*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ALMEIDA, C. *Centro de Mídia Independente Brasil: a mídia como ação direta*. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-28.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução: Manuel Alexandre Júnior *et al.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I e II*. Campinas: Pontes, 2005.

BRAGA, J. Mediatização como processo interacional de referência. *Animus Revista interamericana de comunicação midiática*, Santa Maria, v. 2, p. 9-35, jul./dez. 2006.

BRAIGHI, A. A.; LESSA, C. H.; CÂMARA, M. T. (org.). *Interfaces do midiativismo: do conceito à prática*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018.

BRANDÃO, H. *Subjetividade, argumentação, polifonia*. A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, P. *O discurso político*. São Paulo: Contexto, 2008.

COURTINE, J.-J. Linguagem, discurso político e ideologia. In: COURTINE, J.-J. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 59-86.

DAHLBERG, L. Extending the Public Sphere through Cyberspace: The Case of Minnesota E-Democracy. *First Monday*, Chicago, v. 6, n. 3, n. p., mar. 2001. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/download/838/747>. Acesso em: 1 nov. 2021.

FRANCO, M. “Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo”, diz Marielle Franco. Entrevista cedida a Mariana Pitasse. *Brasil de Fato*, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/03/09/ser-mulher-negra-e-resistir-e-sobreviver-o-tempo-todo-diz-marielle-franco>. Acesso em: 31 mar. 2021.

FRANCO, M. Entrevista: Marielle Franco. Entrevista cedida a Julianne Gouveia. *Agência de Notícias das Favelas*, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://www.anf.org.br/entrevista-marielle-franco/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

FRANCO, M. Entrevistamos Marielle Franco: mulher, negra, periférica e Vereadora do RJ — Mulheres na Política #1. Entrevista cedida à Revista Subjetiva. *Revista Subjetiva*, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/entrevistamos-marielle-franco-mulher-negra-perif%C3%A9rica-e-vereadora-do-rj-mulheres-na-pol%C3%ADtica-7839b7fbfe06>. Acesso em: 31 mar. 2021.

GOMES, W. Da discussão à visibilidade. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M. (org.). *Comunicação e democracia: problemas e perspectivas*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 117-162.

GUIMARÃES, M. *Os efeitos de narrativa de vida em escritas feministas: uma perspectiva racial e de classe*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

KILOMBA, G. *Memória da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LUBENOW, J. A. A esfera pública 50 anos depois: esfera pública e meios de comunicação em Jurgem Habermas em homenagem aos 50 anos de Mudança Estrutural da esfera pública. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 35, n. 3, p. 189-220, set./dez., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/xX3qzLRtTwwTvfJwmYwq5Kj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2021.

MAIA, R. C. M. (org.). *Mídia e deliberação*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; Salgado, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

SOUSA SANTOS, B. *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo: Boitempo, 2016.

An analysis of Marielle Franco's *ethos*

Abstract: In this paper, we analyze the construction of Marielle Franco's previous and discursive *ethos* - she was a Brazilian black woman, slum dweller, human rights activist who attempted to change the reality of other women in analogue situations, but had her dream interrupted by the violent death of which she was a victim. To understand the validity pretensions of such discourses, we relied on the theoretical-methodological framework of *ethos* conceptions from Discourse Analysis, predominantly French, addressed by Maingueneau (2004), Charaudeau (2008, 2014), Amossy (2008, 2016), and Abreu-Aoki (2016), applied to three interviews conducted with Marielle. We aimed to detect, in the linguistic materiality, elements that could demonstrate what *ethos* projection would be comprised of in and through the enunciation of the former congresswoman in her allocution in interviews based on analysis of linguistic forms realized in the following acts: alocutivos (addressing the interlocutor), elocutive (through which the locutor marks their position in relation to what they say), and delocutivo (assertions and representation of discourse of others in utterances). The study showed that she managed features, actions, and anecdotes to build an image that could lead her to public power; thus, shedding light on the needs of those she represented.

Keywords: Discourse analysis; *Ethos*; Public sphere; Political activism; Counter-hegemonic discourses.

Recebido em: 10 de novembro de 2021.

Aceito em: 13 de maio de 2022.